

## O patriotismo natural

Numa recente tentada patriótica-literária, os poetas Guerra Junqueiro e Olavo Bilac decantaram o patriotismo com líricos acentos, afirmando o último que a falta de tal sentimento é uma feia tara.

Por estas e outras é que Bakunine escrevia a respeito do patriotismo natural:

«Devo consignar que o patriotismo, que os poetas, os politicos, de todas as escolas, os governos e todas as classes privilegiadas nos gabam como uma virtude ideal e sublime, tem as suas raízes, não na humanidade do homem, mas na sua animalidade.

«O bruto é evidentemente mais fiel do que o homem aos costumes tradicionais da colectividade de que faz parte; esta fidelidade patriótica é nele fatal; incapaz de se desfazer dela por si só, o bruto só o consegue às vezes sob a influência do homem. Assim também, nas colectividades humanas, quanto menor é a civilização, quanto menos complicado e mais simples é o próprio fundo da vida social, tanto mais intenso se mostra o patriotismo natural, isto é, a fidelidade instintiva dos indivíduos a todos os hábitos materiais, intellectuais e morais que constituem a vida tradicional e costumeira duma colectividade particular, com todo o seu ódio a tudo o que disso difere, a tudo o que é estrangeiro. Daí resulta que o patriotismo natural está na razão inversa da civilização, isto é, do próprio triunfo da humanidade nas sociedades humanas.

«Ninguém contestará que o patriotismo instintivo ou natural das miseráveis populações das zonas glaciaes, pelas quais mal roçou a civilização humana e onde é tam pobre a própria vida material, é infinitamente mais forte ou mais exclusivo que o patriotismo dum francês, dum inglês ou dum alemão, por exemplo. O alemão, o inglês ou o francês podem habituar-se a viver em qualquer clima, ao passo que o habitante das regiões polares bem depressa morreria de nostalgia, se delas tivesse que estar longe. E no entanto, nada mais miserável e menos humano que a sua existência. O que prova mais uma vez que a intensidade do patriotismo natural não é uma prova de humanidade, mas de bruteza.» (*Oeuvres*, vol. I, pág. 239).

Todavia, o patriotismo natural pode afinar-se e revestir formas delicadas e humanas, despidendo-se do ódio ao que é estranho, respeitando e admirando as tradições e costumes alheios, tal qual o indivíduo que, mantendo firmemente a liberdade do seu modo de ser, pratica a mais requintada tolerância para com as preferências e inclinações dos outros.

Mas que tem que ver esse sentimento com o culto e defesa do Estado e com as fronteiras políticas? O patriotismo natural e o patriotismo politico não coincidem, antes amíde se contradizem. Que as fronteiras se apertem ou se ampliem, que o Estado creça ou diminua em proveito de outro, o patriotismo natural (que é mais local ou regional do que «nacional» e não tem, para cada indivíduo, confines definidos) goza sempre... a mesma falta de garantias. Dentro de cada Estado, todas as liberdades, quer económicas e políticas, quer...

...liberdades económicas e políticas, quer...

«Independência nacional» não significa independência do povo, liberdade do indivíduo, direito à vida, comunidade de bens, partilha igualitária de vantagens; e a frase não tem sentido certo, variando de região para região, de país para país, de classe para classe. O problema da liberdade, de qualquer liberdade, não tem solução estatal; o Estado não o resolve; complica-o.

O patriotismo natural pode por vezes ser uma força bem aplicada e até constituir um resguardo contra o sobreposamento das regiões mais felizes e produtivas. Ora o pobre, o que não tem património algum, o que na pátria não tem garantido o direito ao trabalho e à vida, não é muitas vezes forçado a emigrar pela miséria ou pelas perseguições? Eis, bem manifesta, a violenta oposição entre patriotismo natural e patriotismo politico — que as classes detentoras da «pátria» misturam e baralham, dando-lhes ainda os nomes de «democracia», «independência», «liberdades», para atrair e arrastar as massas.

Que a falta de patriotismo entre os burgueses seja uma tara — é bem admissível. Os burgueses não patriotas recusam pagar uma dívida. E como eles feram o cão!

## Da plataforma

Em verdade, o problema é tão intrincado, é mesmo duma complexidade tam enigmática que difficilmente se poderá resolver. Lamentações não faltam; mas lamentações não bastam. De que se carece no actual momento que atravessamos é de acções. Compreende-se que tudo esteja caro; admite-se mesmo que o bandoleirismo comercial atinja as culminâncias do desaturo; não é para surpreender a protecção prestada pelas autoridades aos safardanas da finança e do mercantilismo. Tudo isso são afirmações do meio corrupto em que vivemos, tudo isso não é mais do que a razão da sociedade presente. É pois que as coisas são as consequências irrefragáveis de origem havemos de nos conformar com elas visto que não tivemos ainda a necessária coragem para as modificar.

Mas se assim é quanto ao fundamento basilar da questão, o mesmo não acontece quanto aos incidentes surgidos à sua superfície. É o que se está a passar, este estado de anormalidade singular que caracteriza presentemente a nossa vida social é bem o incidente desabrochado pavorosamente à superfície daquela magna e por enquanto indissolúvel questão.

A educação, o meio, as taras hereditárias, todo esse conjunto de preconceitos contribui poderosamente para formar o caracter do indivíduo.

...isso é que nós não nos admiramos do fácil assentimento dos governados às injustiças, às arbitrariedades de toda a ordem, aos despotismos de toda a espécie da casta dos governantes. Mas o que sobremodo nos admira é que, surgindo o tal incidente que neste caso outra coisa não é além das precaríssimas condições do nosso viver, os governados, em face da iminência incontestável e insuportável da situação, não esboçam um gesto activo, um clamor unânime tendente a demonstrar à malta dos bandoleiros que o povo não pode nem quer ser juguete deste ou destes, daquele ou daqueles que o pretendam despojar da pele. Esta inacção revela-nos um fenómeno digno de ser estudado.

Que aceitemos o meio com todas as suas deformidades é explicável. Mas que aceitemos a fome com todas as suas consequências, é simplesmente lamentável. A que attribuir o estado de indiferentismo em que o povo jaz? Não sei; contudo, e se bem que a guerra seja o ponto de apoio dos legalistas e dos defensores da «ordem» o que não resta dúvida é que só devido à pusilanimidade aso-berbadora que nos domina — o gesto, a alizez, o ímpeto da dignidade, o próprio instinto da conservação, — é que suportamos a crise atrofiadora e corrosiva que no carácter e no espirito se nos infiltrou.

Mas, voltando de novo ao interessante do assunto, como fazer renascer no ánimo dolente da população proletária o espirito forte e decidido da revolta? Como conseguir que a energia entre de novo nos peitos abatidos e depauperados dos que trabalham? Como atingir esse desiderato salvador se o raio retemperante das grandes convulsões ainda não penetrou nos corações melancólicos e tristes dos desherdados?

Para estas singelas observações chamo eu a atenção dos espiritos esclarecidos, dos que trabalhando com afincio e denodada perseverança pela sagrada emancipação humana, visam, na elevação suprema do seu pensamento, a doce harmonia da sociedade, o bem estar geral sintetizado na máxima fagueira de: A cada um segundo as suas necessidades e de cada um segundo as suas forças.

Cumprida esta missão, realizado este enigmático e intrincado problema não haja dúvida que teremos dado um passo grandioso no sentido de abreviar o supremo momento, que outro não é senão a efectivação das doutrinas em que todos andamos empenhados, ou seja a abolição dos privilégios e a proclamação das liberdades individuais e colectivas: — o homem livre na humanidade livre, enfim.

J. S.

## A GUERRA

De duas, uma: ou os trabalhadores cruzam os braços, deixando correr tudo isto à revelia, ao sabor das castas dominantes, e nesse caso cairá sobre eles o raio fulminante do despotismo estatal, mais solidificado, mais desenfreado e por via de regra cada vez mais convencido que é da violência e da tirania que provém a sua força, a sua razão de ser, ou os trabalhadores se unem e, estreitando mais e mais esse laço constituído pela mesma comunhão de ideias, formam uma indomável barreira contra todas as tiranias, todos os jugos, todas as opressões que, pela vida fora, os tem feito sofrer duramente...

E' esta a nossa opinião e daqui não nos desviaremos. Seremos pessimistas? Seremos optimistas? Somos apenas o que a nossa consciência quer que sejamos: verdadeiros.

O inconsciente povo produtor, que, pelo visto, sente uma inefável satisfação com o desenrolar das coisas trágicas e sangrentas, parece que deseja comprovar aquela nossa primeira proposição, deixando correr tudo à revelia e, talvez mais, experimentando a violência e a crueldade da guerra na sua própria carne. Todavia, podia ter evitado esta catastrophe, se em vez de dormir a sono solto, tivesse seguido os conselhos dos homens livres, dos homens que não tem a morte nos horisontes de grandezas, nem estão, por detrás da cortina, puxando os cordelinhos de esta complicada situação para, como os politicos, num momento dado, se apoderarem do queijo do poder. Mas não, o povo inconsciente não quiz seguir tais conselhos e agora chorula na cama, que é logar quente, esperando a cada momento que o medico assistente lhe recete qualquer coisa que o anime, que lhe dê vida; e contudo o remédio é só enfiar as calças e vir para a rua, revoltando-se contra os destemidos sanguessugas que estão depositas, do alto dos seus palácios, a chuparem-lhe todo o sangue que lhe corre nas veias.

A nossa opinião sobre a guerra, que não é uma opinião autorizada, nem mesmo temos a pretensão de soarmos como um clarim neste grande campo de batalha, tocando a um fileiras aos que pensam como nós (que felizmente deve ser a maioria, e oxalá que pudessemos arrastar tambem a grande legião dos que ainda não formaram a sua opinião nem pro nem contra) — a nossa opinião não podia ser outra senão esta, tanto mais que não pertencemos à familia caranguejo: ou o povo combate a guerra e será victorioso, ficando para sempre livre e feliz, dado que inicié após a vitória as bases da Anarquia, ideal da mais pura redenção humana, ou o povo não combate a guerra e é esmagado para muitissimos anos. Pensem todos nisso e não-de ver que chegam às mesmas conclusões a que eu cheguei.

ABEL S. DE PAIVA

A AURORA Semanaria anarquista  
N'penda em todas as tabacarias e quitasques.